



[Clique aqui para ampliar](#)

## COGITAÇÕES SOBRE O FURO

Referências:

Vieira, M. A. Cogitações sobre o furo. *Ágora estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, Vol II n. 2, jul-dez 1999 (ISSN 1516-1498) pp. 43-52.

### Resumo:

Desenvolvemos algumas indicações de Jacques Lacan em um de seus últimos seminários, em que valoriza a topologia do furo, utilizando-as como chave de leitura para retomar as últimas elaborações freudianas acerca do dualismo pulsional. A partir daí buscamos abordar o modo de tratamento do corpo próprio da psicanálise, distinguindo-o do corpo da ciência. Finalmente exploramos algumas consequências destes desenvolvimentos no que concerne a determinados pontos que parecem desafiar a clínica analítica.

**Palavras-chave:** corpo, ciência, furo, zonas erógenas, pulsões.

### Abstract:

### NOTES ON THE HOLE

The topology of the hole which is developed by Jacques Lacan in the last period of his teaching is used here to discuss the freudian dualism on the drive's theory. With this key we try to delimit the way of dealing with the body in the treatment, distinguishing it from the science body. Finally, we explore some consequences of this statements in the way the psychoanalysis faces certain difficult clinical situations.

**Key-words:** body, science, hole, erogenous zones, drives.

Gostaria de interrogar a articulação complexa, feita de conjunção e disjunção, entre a ciência e a psicanálise, com relação a seus modos de tratamento do corpo. Começo pela conjunção, delimitando-a da seguinte forma: *O corpo da ciência é tão produto do discurso quanto o da psicanálise.*

Pode-se declinar esta proposição de várias maneiras indicando, por exemplo, que a biologia trabalha com um corpo que depende da linguagem tanto quanto o da psicanálise. Este corpo não é menos simbólico que o corpo da psicanálise, como se estivéssemos, na biologia, mais próximos do real ou mais aptos a manipulá-lo. Trata-se de duas construções significantes e, deste ponto de vista, pode ser estabelecida uma certa equivalência entre elas. Isso significa ainda dizer que a anatomia da medicina, inaugurada por Bichat, e a anatomia fantasiosa das históricas não têm, vistas deste ângulo, diferença essencial. São dois recortes simbólicos do real. Insisto. Tomar o corpo como um organismo, maquinaria orgânica natural, não nos aproxima do real pois não há anatomia do real.

Sigo aqui as indicações de Jacques Lacan em seu seminário *Le Sinthome*<sup>1</sup> em que retoma a hélice de DNA, tida na época e ainda hoje como a estrutura do real primordial do corpo, para referir-se a ela como a uma grande construção de arquitetura significativa.

Concluimos assim que a biologia não é o real da psicanálise. Esta afirmação condensa duas conclusões fundamentais: a) o real do qual fala a psicanálise não é nem mais nem menos real do que o da biologia; b) as duas são modos de tratamento distinto do real.

Isto posto, importa sobretudo destacar a consequência maior destas formulações no próprio campo da psicanálise. Percebemos que se quisermos fazer valer aqui a tripartição fundamental introduzida por Lacan a partir da invenção freudiana, entre real, simbólico e imaginário, temos que abandonar a idéia de que ganharíamos alguma coisa demarcando uma prevalência de registro para distinguir psicanálise e ciência; como se tratássemos, na psicanálise, mais do corpo (simbólico) atravessado pela linguagem enquanto que a ciência se ocuparia mais do corpo (real) orgânico-anatômico.

Podemos fazer um passo a mais afirmando agora, já que estamos aproximando as duas, que *o corpo da ciência é o corpo mortificado pelo significante, deserto de gozo do qual falamos na psicanálise*. Com isso quero dizer que se admitimos o aforisma lacaniano “a palavra é a morte da coisa” e sua consequência quanto ao corpo, desenvolvida por exemplo em “Radiophonie”<sup>2</sup>, ou seja, que este aforisma se traduz em uma cadaverização (*corpsification*) do corpo, temos que admitir que é esta mesma operação que Foucault descreve em seu *Nascimento da clínica*. A clínica médica funda-se no momento em que o corpo passa de teatro mágico de operações dos deuses a estrutura objetivável de funcionamento regado e automático; animado por obra do relojoeiro universal porém morto no que concerne aquilo que nesta animação escapa às previsões universais de funcionamento corpóreo. Para que haja clínica é preciso que o corpo vivo seja cadaverizado, tornando-se máquina morta. Só assim a ciência pode apropriar-se do corpo e manipulá-lo.<sup>3</sup>

Poderíamos então chegar a uma conclusão simplista. A disjunção se situaria do seguinte modo: a ciência trata do corpo morto, cadaverizado pelo significante (a partir daí ela consegue, manipulando-o, tocar o real e aí produzir transformações) enquanto que a psicanálise trabalharia, a partir do significante, com o corpo vivo, que escapa ao simbólico. Mas o que seria dizer que há um corpo vivo e outro morto? Considerar que o corpo vivo é aquilo que escapa ao simbólico e ao que se pode falar corresponde apenas a demarcar o terreno do inefável reservando-lhe a primazia de nossa explicação, claramente de cunho místico. Não podemos clivar o corpo em corpo vivo e corpo morto entregando uma parte à medicina e outra à psicanálise, pois isto significa, na verdade, dividir o corpo entre o corpo da ciência e o corpo de Deus. Se Freud busca com insistência inscrever a psicanálise na ciência é justamente para escapar a tal armadilha. À Wittgenstein e seu “sobre aquilo que não pode ser dito deve-se calar”<sup>4</sup> Freud responde que não há de um lado o que se pode dizer e de outro o que não se pode dizer mas sim que há o que se diz e, nisto que se diz, um dizer a mais, como demonstra, por exemplo, o lapsus. Desta forma, temos que admitir que, no que diz respeito ao nosso tema, o significante ao mesmo tempo mortifica e vivifica o corpo, pois só a partir do próprio significante situa-se esta suposição de uma animação Outra do corpo, para-além da dimensão simbólica.<sup>5</sup>

## **As pulsões e o nó**

Para prosseguir é preciso dar consequência ao que se esboçou acima. Não adianta buscar dar conta desta articulação complexa entre corpo vivo e corpo morto com uma topologia simplificada da trilogia RSI. Como vimos, tentar uma distinção a partir da simples hierarquização dos três registros afirmando, por exemplo, que a ciência estaria mais próxima do real e a psicanálise do simbólico confunde mais que ajuda. O nó borromeu, suporte lacaniano desta trilogia, tem como propriedade fundamental articular os três registros de maneira que com a ruptura de um deles, todos se separam. Pela mesma razão, este nó une inextrincavelmente os três registros sem os hierarquizar. Esta foi uma grande questão para Lacan em *Le sinthome* (seminário que nos serve de base) obrigando-o a desenvolver a

teorização do nó neste seminário e no seguinte (*RSI*) pois, do contrário, chega-se, quanto ao nosso tema, a inúmeras aporias. Vejamos alguns exemplos. Para tentar situar a vida, poderíamos dizer que ela está próxima do registro do real. Acontece que o real tanto pode aparecer como figuração da vida, em sua face de gozo que anima o corpo, quanto como da morte, em sua face de dispersão de toda forma constituída. Utilizamos quotidianamente no jargão psicanalítico tanto uma imagem quanto a outra, mas vemos que aqui elas devem ser manejadas com mais rigor. O mesmo é válido para o imaginário que pode indicar tanto as formas apolíneas da vida quanto sua fixação em estátua inerte, petrificada e morta. Finalmente, acabamos de ver que esta contradição se esboça também para o simbólico, que tanto pode ser evocado em seu aspecto mortificador quanto vivificador do corpo.

Entramos então em um universo extremamente rico mas também muito complexo, que ocupou Lacan em seus últimos seminários, no qual nos deslocamos com extrema dificuldade. Resolvi então, em vez de dar um passo à frente seguindo a teorização lacaniana do nó, dar um passo atrás e retomar esta articulação, onde vemos uma certa superposição de vida e morte, da seguinte forma: *Na experiência psicanalítica a vida aparece como um intrincado de vida e morte.*

Examinemos esta proposição que pode ser depreendida das formulações de Freud em seu “Mais além do princípio do prazer”<sup>6</sup>. Ela se constrói a partir da especificidade do dualismo pulsional freudiano. A pulsão de vida não é a vida. Isolada, ela responde pela formação de agregados, pela fusão generalizada que leva à inércia e à paralisação, indicando que o império absoluto de Eros, apesar de levar à sobrevivência da espécie, leva à morte do indivíduo. Por outro lado, a pulsão de morte, com a desorganização e dispersão sem perdão de Tanatos, leva, se abandonada a si mesmo, à morte da espécie.

Vemos então que a pulsão de morte faz parte da vida não como sua limitação, seu oponente inseparável, mas como sua própria substância. É preciso que haja dispersão para que novos agregados se façam. É o que Lacan indicará em vários pontos de seu ensino e que retomará no seminário em questão da seguinte forma: “só há progresso marcado pela morte”.<sup>7</sup> Foi justamente para dar conta desta morte na vida, que poderia igualmente ser retomada a partir da ligação entre dor e prazer, que Lacan teorizou o gozo.

Não poderemos aqui desenvolver os alicerces pulsionais desta teorização do gozo, nem suas consequências clínicas imediatas. Vamos continuar com nossa distinção. Para indicar este intrincado entre morte e vida que permite a vida Lacan isola, neste seminário, a expressão “vida da linguagem”<sup>8</sup>, distinguindo a vida feita de vida e morte, da qual falamos aqui (vida da linguagem) da vida veiculada pela pulsão de vida, que pode em si ser morte. A morte então é o impensável da desfusão/desintrincamento das pulsões (vale observar que estamos agora no extremo oposto da medicina de Bichat para quem a vida é um conjunto de forças que resiste à morte).<sup>9</sup>

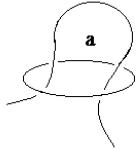
Temos então que o corpo vivo é o lugar onde morte e vida se conjuminam. Mas como a morte e a vida se conjugam neste corpo?

## **Sobre o furo**

Quanto a este ponto penso que podemos ganhar muito observando a importância fundamental dada por Lacan, neste seminário, ao furo. É disso que gostaria de fazer o centro de gravidade deste artigo. Lacan lembra inicialmente que deveríamos dar atenção ao fato evidente que Freud começa seu percurso interessando-se pelos furos no discurso, os esquecimentos e lapsos por exemplo. Ele volta nossa atenção, como Freud fará em seguida

com suas zonas erógenas, aos buracos do corpo, para avançar que *vida e morte se conjugam nos buracos do corpo, onde se fixa o objeto*.

Sabemos que em seu *Seminário XI*, sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan vai indicar que o objeto do desejo insiste, sem consistir, nos objetos do

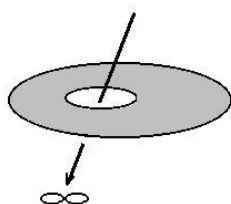


mundo. Como objeto para sempre perdido não podemos situá-lo a não ser imaginando-o em algum lugar em torno dos furos do corpo. Deste modo Lacan retoma as zonas erógenas de Freud com o seguinte esquema, em que figura-se o traçado da pulsão como um circuito que não chega ao alvo, a não ser, digamos “por tabela”, no próprio movimento de seu traçado, contornando os orifícios do corpo. É este percurso que permite que a pulsão promova alguma satisfação.<sup>10</sup>

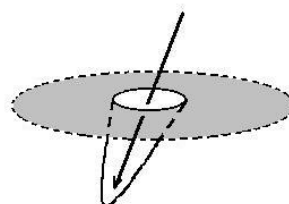
Este esquema figura o modo como o objeto vai aninhar-se nos furos do corpo, fazendo, destes, pontos de gozo. A novidade no seminário sobre o sinthoma é que Lacan nos dará aí elementos topológicos para situar menos o objeto, pois já o havia feito, e mais o corpo, através de uma topologia do furo. Com o esquema acima partimos do furo já constituído. Agora Lacan será sensível ao fato de que precisamos dar conta do que constitui o furo como furo. Não podemos mais nos guiar por uma definição euclidiana de furo que faria deste apenas a ruptura da continuidade dos pontos de uma superfície dada. Nesta concepção, parte-se da premissa que a superfície existe enquanto tal para em seguida definir-se o furo. Esta definição, entretanto, tem valor limitado para Freud pois a partir da experiência psicanalítica o corpo pode ser considerado, assim como o eu, resultado de uma “nova operação psíquica”.<sup>11</sup> Deste ponto de vista, toda definição do corpo apoiada exclusivamente na superfície, oculta o que esta própria superfície deve ao ponto de constituição do aparelho anímico, anterior à ela. Depreende-se assim com o que vimos acima que uma definição como esta, *partes extra partes*, fundada na imanência da extensão e que pôde ser destacada, a partir de Descartes, como modo fundamental de definição dos corpos, implica na cadaverização desta superfície, pois ela está *a priori* definida, delimitada, organizada e fixada pelo significante. Toda definição de corpo como soma de órgãos, objetos ou pedaços menores, faz dele um conjunto morto, organizado e mantido uno pelo significante, deixando escapar o que o anima que necessariamente está além (ou aquém) deste.

Neste ponto Lacan vai indicar que para se fazer um buraco de outro modo que não o acima é preciso uma reta infinita. A definição do furo se fará então a partir desta noção: *um furo é o que está em torno de uma reta infinita*. Isto porque, se ao nos deslocarmos ao longo do furo encontramos seu fundo temos um saco e não um furo (vide esquema abaixo). Deste ponto de vista, um saco está em continuidade com a superfície. Ele só é um furo porque é situado a partir da superfície tomada como um plano delimitado, sendo definido a partir dela. Se prosseguíssemos neste sentido retornaríamos à definição euclidiana afastada acima.

Furo



Saco



O que isto significa? Que apenas se os buracos do corpo funcionarem como uma abertura para o infinito o objeto poderá se situar no seu lugar de causa, sempre mais além. Só assim a superfície corporal anima-se, descada-veriza-se. Só assim os furos se darão como tais, como pontos de mistério, de pudor, de terror, mas também de gozo. É o que o saber, anatômico por exemplo, tende a esvaziar. Conhecendo de antemão tudo que há nas reentrâncias de uma boca tendo a fazer deste orifício apenas uma boca atomizada e assim anatomizada. Poderíamos assim dizer que a diferença entre uma boca qualquer e a boca da amada é que esta última é deliciosa porque não é anatomizável.

Não é obrigatório que os furos que concentrarão o gozo sejam os orifícios anatomicamente aceitos enquanto tais, boca, ouvidos etc, como se estes fossem os orifícios reais do corpo. Isto simplesmente porque no real não há buracos. Eles podem ser muitas coisas, pintas, covinhas, umbigo etc. O que importa é que, uma vez a articulação com o infinito estando dada, eles funcionarão como ponto de atravessamento entre a morte e a vida e serão lugar de gozo.

É preciso insistir sobre esta inversão de peso: o furo não é definido pela superfície, ele a define. O furo não está no real do corpo, transmitido por contiguidade aos buracos negros em sua imagem. O corpo não existe *per se*, tendo áreas cheias que definem, em suas ausências, orifícios. O corpo agora se define pelo fato de ter furos e de nestes furos concentrar-se o gozo. O corpo vivo então é aquele que tem uma abertura para o infinito por onde a morte desagua na vida e o gozo pode ser inscrito no significante. Podemos dizer até que *o corpo é o que existe em torno do objeto*, desde que se entenda aí por objeto o objeto *a* de Lacan, que só se situa no infinito da metonímia do desejo, busca eterna de um mais-além de gozo.

## **O furo da ciência e a incorporação do objeto**

Voltemo-nos agora para a ciência. Podemos avançar agora que ela se concentra sobre o que há de morto no corpo, sua anatomia, deixando fora deste a vida. Os buracos tem significação, são sacos, *partes extra partes*, portanto não há resto situado na escuridão do infinito. O corpo morto é o corpo. Age-se sobre o corpo morto postulando sua superposição total ao corpo vivo. Por isso dirá Bichat: “querem saber sobre a vida? abram alguns cadáveres”.<sup>12</sup> Aquilo que escapa a esta superposição pode ser objeto de filósofos e religiosos mas não de cientistas. Uma vez que há contradição entre o conceito e a vida, conclui-se que aferrar-se ao conceito é o bastante. A vida assim vai situar-se no mito, colocado além ou aquém, no Soberano Bem e na beatitude mas não no corpo (por isso mesmo, na beatitude há quase sempre a idéia de uma dissolução do corpo).

*O corpo vivo tende a se reduzir, na ciência, ao corpo morto.* A consequência é que os corpos serão neste contexto agregados precários porque definidos arbitrariamente pelo significante. Aqui a amarração é frouxa e tendemos ao desintrincamento. Eles terão suas fronteiras facilmente modificáveis ao longo dos lugares e dos tempos (é o que indica a revolução dos clones, dos transplantes etc). Isto acarreta o que poderíamos chamar, apoiando-nos em J.-A. Miller de uma implosão fetichista do corpo em pedaços. Uma vez que não há a função aglutinadora do objeto as partes se mantém unidas muito precariamente, na dependência dos significantes-mestres da cultura. O corpo tende a se espalhar e a se fregmentar em pedaços parciais em que cada pedaço é uma possibilidade de gozo em si, donde sua vertente fetichista.<sup>13</sup>

Outra consequência desta implosão é a articulação entre a ciência e o mercado. Torna-se possível contabilizar e assim introduzir na lógica do capital todos os corpos, em suas

porções maiores ou menores e em suas fronteiras variáveis tanto internamente (com os transplantes e implantes) quanto externamente (com as extensões técnicas do corpo do tipo *gadgets*). Tudo é cifrável e todo gozo passa de infinito a contabilizável. A partir daí tende-se a fazer um mundo de objetos e não de corpos vivos, onde só há o puro gozo do significante sem corpo, só dejetos. *Sem resto só há restos*, nos quais a pulsão acéfala se realiza autisticamente sem passar pela coletivização proporcionada pelas zonas erógenas e seus furos.

Perguntemo-nos agora como se fixa o objeto no corpo. O que faz com que um furo se introduza no corpo e situe o objeto no infinito? Uma das respostas de Lacan encontra-se em *Etourdit*, onde cunha o neologismo *fixion* (ficção/fixação). Indica-se aí que para o ser falante, o objeto *a* é atrelado ao plano da superfície (corporal) pela ficção.<sup>14</sup> A partir daí podemos tentar entender uma fórmula conhecida de Lacan, “a estrutura faz o corpo por se incorporar de maneira significante”,<sup>15</sup> pois temos agora em série: incorporação/ficção/fixação.

Proponho a seguinte formulação sobre o que seria esta incorporação a partir do que foi desenvolvido até aqui. Algo do Outro, um gozo contingente da mãe, por exemplo, amarra alguns significantes em torno do impossível, impossível, para este filho compreender, abarcar pelo significante. Penso em uma paciente cuja mãe tecia, horas a fio e desde sua mais tenra idade, seus cabelos, articulando ao mesmo tempo alguns nomes: Rapunzel, bonequinha, moça de louça. Acredito que esta cena deixa claro o que está em questão. O impossível é compreender a contingência deste gozo que o Outro tirou de mim (com seu duplo sentido: de gozo que o Outro teve comigo e de gozo que ele subtraiu de mim) pois neste momento do trançar, alguns significantes contingentes – contingentes não para a mãe que os tem certamente bem determinados, mas para a filha – urdiram uma trama, fazendo o nó primeiro que inscreve em seu centro o furo.

Neste ponto de nó significante temos uma fórmula que, para um sujeito, determinará seu modo de gozar e que constitui seu corpo. *A fantasia estaria no nível de uma tal ficção que fixa a contingência de um gozo puro do significante em gozo delimitado pelos trilhos de uma fórmula que de contingente passa a necessária, estabelecendo um modo de gozo*. Neste caso, cabelo, trança, mãos, louça, Rapunzel, situam uma cena e um ponto que organiza as modalidades de gozo possíveis.

## **Algumas consequências**

Para concluir, examinemos algumas consequências imediatas do que vimos. Percebemos a grande vantagem, assim como a grande dificuldade da ciência. Estando à entrada de uma caverna, se supomos que trata-se de um saco, nela ingressamos sem medo como exploradores decididos e aí encontramos muitas coisas interessantes que entretanto não serão jamais capazes de situar/fixar nosso gozo de explorador.

Percebemos então, o quanto o mundo da ciência precisa de um furo. Neste sentido podemos aproximar, como fez Lacan em vários momentos de seu ensino, a ciência da psicose. Em ambas a estabilidade do corpo está comprometida pois suas posições específicas as fazem tomar o corpo a partir da geometria do saco, eliminando deste o infinito.<sup>16</sup> A psicose demonstra o quanto a falta de um furo tem de angustiante e de desrealizante. No mundo habitado pelo gozo incorporal do Outro, o próprio mundo tende a desaparecer diante deste algo que pode estar em todo lugar e sob todas as formas. Um significante – um nome de doença, uma identidade, um nome de perseguidor – é justamente aquilo que frequentemente vem fazer furo neste real garantindo a consistência do corpo (próprio e do Outro) e a redução da angústia.

Finalmente gostaria de indicar que é apenas a partir destes desenvolvimentos que consigo compreender como é possível para a psicanálise trabalhar, como psicanálise e não como suporte terapêutico, em toda uma série de casos extremos. Os aidéticos no irreal do entre-duas-mortes onde frequentemente se encontram são um exemplo. Retomando sua ficção fantasmática, o sujeito pode aí recolocar no lugar o objeto, dando novamente vida ao corpo. Restaura-se assim um corpo de onde se havia extraído de antemão o objeto. Além disso, do nosso ponto de vista, um corpo independe de seu prazo de duração para se garantir na existência, o que permite assim nosso trabalho. Só assim entendo também como podemos pensar em ter algo a propor nas situações de extrema violência que vivemos, por exemplo, na periferia do Rio. Ou ainda com os ditos meninos de rua, para os quais o objeto, multiplicado e fora do corpo, obtura o infinito pela metonímia infinita de um deslocamento incessante, seja de droga em droga, seja de rua em rua.

Trata-se aí de situações onde a primeira construção que buscaríamos em nosso auxílio seria a de que o real apareceria nestes casos nu e o simbólico frágil. Parece-me mais produtivo, à vista do que desenvolvemos, em vez de privilegiar a ênfase em um registro, pensar que o significante está aqui desamarrado e que por isso, sem a articulação borromeana, a defusão das pulsões faz o simbólico aparecer em sua face real mortífera. Falta aí a incorporação da estrutura e não seu reforço. Não adianta injetar-lhes Lei pois eles não sofrem de falta de lei. Falta-lhes corpo vivo e por isso mesmo sofrem reconhecidamente tão pouco. É por isso que estas situações nos interessam diretamente por descortinar o trágico que reside na falta da incorporação da causa por falta de uma ficção da morte.

### **Marcus André Vieira**

Psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, professor do programa de pós-graduação do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB)

Rua Ipiranga 91/904  
Cep: 22231-120  
tel: 285-4707 e 537-2905  
[mav@gbl.com.br](mailto:mav@gbl.com.br)

Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB)  
Av. Venceslau Brás 71 – fundos  
Cep: 22290-140  
Tel: 295-2549  
[vieira@ipub.ufrj.br](mailto:vieira@ipub.ufrj.br)

---

<sup>1</sup> Cf. LACAN, J. “Le Séminaire Livre XXIII Le Sinthome”, *Ornicar*, n° 6-11, Paris, 1976/77. As referências que formam a base deste artigo encontram-se nas lições de 16/3/76 e de 11/5/76.

<sup>2</sup> Cf. LACAN, J. “Radiophonie”, *Scilicet* n° 2/3, 1970, p. 57 e seguintes.

<sup>3</sup> Fazemos aqui apenas um parêntese para lembrar que não há nada de surpreendente quanto a este ponto. Ele indica somente que a clínica da psicanálise tem uma articulação essencial com a clínica médica assim como o sujeito do inconsciente se articula com o da ciência. Nosso percurso até aqui serve ainda para lembrar que do ponto de vista do corpo há uma proximidade entre a ciência e a psicanálise, o que enfatiza ainda, para os que insistiriam em esquecer, que a psicanálise também toca o real e que é por isso que ela tem efeitos terapêuticos sobre o sintoma.

<sup>4</sup> *Ce dont on ne peut parler, il faut le taire*, WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*, Paris, Gallimard, 1961, p. 107.

<sup>5</sup> Cf quanto a este ponto LACAN, J. “A ciência e a verdade” *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, pp. 855-877, sobretudo pp. 863 e seguintes. Para uma demonstração precisa das duas vertentes do significante aqui desenvolvidas cf. MILLER J.-A., *O osso de uma análise*, Salvador, EBP, 1999.

<sup>6</sup> Cf. FREUD, S. “Além do princípio do prazer”, *ESB*, vol XVIII, sobretudo o capítulo V, assim como sua retomada por Lacan (LACAN, J. *Le Séminaire Livre VII L'Éthique de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1986, pp. 251 e seguintes).

<sup>7</sup> LACAN, J. “Le Séminaire Livre XXIII Le Sinthome”, *Ornicar*, n° 9, 1977, p. 35.

<sup>8</sup> *Ibid.* p. 3.

<sup>9</sup> Cf. FOUCAULT, M. *La naissance de la clinique*, Paris, PUF, 1961, pp. 140 e seguintes.

<sup>10</sup> Cf. LACAN, J., *Le Séminaire Livre XI*, Paris, Seuil, 1973, p. 163 e seguintes.

<sup>11</sup> Refiro-me aqui à conhecida passagem de Freud (cf. FREUD, S. “Para introduzir o narcisismo”, *ESB*, vol. XIV). Cf. também quanto a este ponto os desenvolvimentos de Lacan sobre a constituição da unidade corporal em seu estágio do espelho (LACAN, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, pp. 96-104), assim como seu esquema ótico (*Ibid.*, pp.680-687).

<sup>12</sup> FOUCAULT, M. *Op. cit.* p. 149.

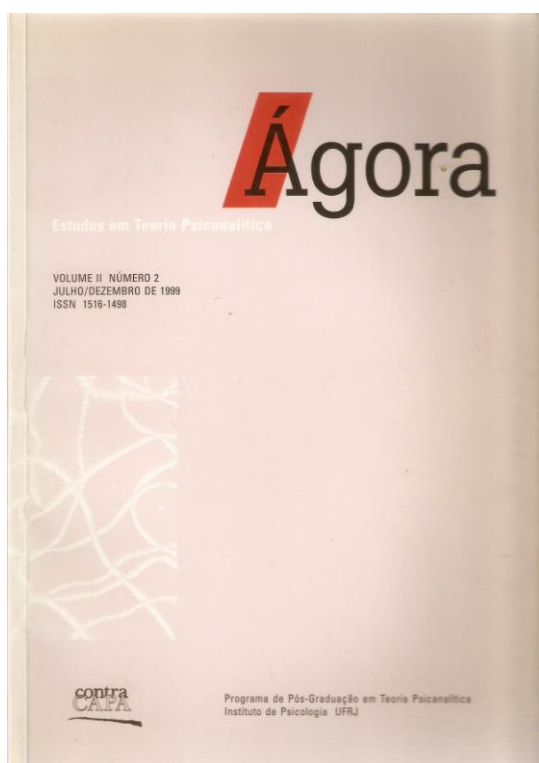
<sup>13</sup> Cf. MILLER, J.-A. *Op. cit.* p. 32 e seguintes.

<sup>14</sup> LACAN, J. “L'Étourdit”, *Scilicet* n° 4, 1973, pp. 27 e 42.

<sup>15</sup> LACAN, J. “Radiophonie”, p. 61.

<sup>16</sup> Seria preciso distinguir aqui o infinito aristotélico, “quantitativo”, do infinito cantoriano, “qualitativo”, pois não estou avançando que a ciência exclui o infinito do universo, pelo contrário, ela o incorpora. Indico apenas que no mesmo gesto, ela exclui do corpo um certo modo de apresentação do infinito. Cf. a esse respeito. MILNER J.-C., *L'oeuvre claire*, Paris, Seuil, 1995, pp. 66-68, assim como CHARRAUD, N. *Infini et inconscient*, Paris, Antropos, 1994, pp. 43 e seguintes.





Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte desta revista poderá  
ser reproduzida sem a permissão  
dos editores.

Programa de Pós-graduação em  
Teoria Psicanalítica  
Instituto de Psicologia UFRJ  
Avenida Pasteur 250 fundos  
CEP 22290-240 Rio de Janeiro RJ  
E-mail: freireab@gb1.com.br  
rherzog@marlin.com.br

Assinaturas, distribuição e vendas  
Contra Capa Livraria  
Rua Barata Ribeiro 370 loja 208  
22040-000 Rio de Janeiro RJ  
Tel. (0\*\*21) 236-1999  
Fax. (0\*\*21) 256-0526

Catálogo na fonte  
Biblioteca do CFCH/UFRJ

Revista Ágora : estudos em teoria psicanalítica. Pós-gradua-  
ção em teoria psicanalítica/UFRJ.  
V. II, n. 2. Rio de Janeiro, julho-dezembro, 1999.  
Semestral.

1. Psicanálise – Periódicos. I. Instituição.

ISSN 1516-1498

CDD 150.195

## Sumário

### Artigos

O SUJEITO DA PSICANÁLISE: CIÊNCIA E CRENÇA _____	9
<i>Jeferson Machado Pinto</i>	
O SIGNIFICANTE DE LACAN: TEMPO LÓGICO _____	15
<i>Noga Wine</i>	
AS NOVAS FORMAS DO SINTOMA EM MEDICINA _____	27
<i>Antonio Quinet</i>	
SOBRE O ATO DE PESQUISAR EM PSICANÁLISE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES _____	37
<i>Leticia Nobre</i>	
COGITAÇÕES SOBRE O FURO _____	43
<i>Marcus André Vieira</i>	
FUNDAMENTOS PARA UMA CRÍTICA DA EPISTEMOLOGIA DA PSICANÁLISE _____	53
<i>Analice de Lima Palombini</i>	
SUBLIMAÇÃO E ÉTICA _____	71
<i>Gilisa F. Tarré de Oliveira</i>	
CONSIDERAÇÕES MATEMÁTICAS SOBRE O GOZO NA NEUROSE E NA PSICOSE _____	81
<i>Oswaldo França Neto</i>	
O TEMPO NA HISTÓRIA DE UMA NEUROSE INFANTIL _____	95
<i>Carlos J. Escars</i>	
O SILÊNCIO NA RELAÇÃO COM O PACIENTE TERMINAL _____	107
<i>Marcos Creder de Souza Leão</i>	